

## CAPÍTULO I

### História Sucinta da Morte de Jean Calas

O assassinato de Calas, cometido em Toulouse com o cutelo da justiça, a 9 de Março de 1762, é um dos mais singulares eventos merecedores da atenção do nosso tempo e da posteridade. Depressa se esquece a multidão de mortos que perderam a vida num sem-número de batalhas, não só porque é a inevitável fatalidade da guerra, mas também porque os que morrem pela sorte das armas poderiam ter matado os seus inimigos, e não morreram sem se defenderem. Quando o perigo e a vantagem são iguais, o espanto cessa, e até a piedade enfraquece; mas se um pai de família inocente é entregue às mãos do erro, ou da paixão, ou do fanatismo; se o acusado só tem a sua virtude para se defender, se os árbitros da sua vida, ao decapitaram-no, o único risco que correm é o de se enganar; se podem matar impunemente com uma simples sentença, então eleva-se o clamor público, cada um teme pela sua segurança, é patente que ninguém tem a vida segura, perante um tribunal erigido para velar pela vida dos cidadãos, e todas as vozes se unem para clamar por vingança.

O que estava em causa, nesta estranha questão, era a religião, o suicídio, o parricídio: tratava-se de saber se um pai e uma mãe tinham estrangulado o seu filho para agradar a Deus, se um irmão tinha estrangulado o seu irmão, se um amigo tinha estrangulado o seu amigo, e se os juízes tinham a pesar-lhes na consciência o

facto de terem feito perecer na roda um pai inocente, ou de terem poupado uma mãe, um irmão, um amigo culpados.

Jean Calas, de sessenta e oito anos de idade, exercia em Toulouse a profissão de negociante, há mais de quarenta anos, e era tido por bom pai por todos os que tinham lidado com ele. Era protestante, assim como a mulher e todos os filhos, excepto um que tinha abjurado a heresia, e a quem o pai dava uma pequena pensão. Parecia tão afastado desse absurdo fanatismo, que destrói todos os laços sociais, que tinha aprovado a conversão do seu filho Louis Calas, e tinha em sua casa, há mais de trinta anos, uma fervente criada católica, que lhe educara todos os filhos.

Um dos filhos de Jean Calas, de seu nome Marc-Antoine, era um homem de letras: passava por ser um espírito inquieto, sombrio e violento. Este jovem, não conseguindo entrar no negócio, por se não lhe adaptar, nem exercer a advocacia por lhe faltarem os certificados de catolicidade, que não podia obter, resolveu pôr termo à vida, e deu parte deste projecto a um dos seus amigos; e tudo o que lera sobre o que até então se escrevera sobre o suicídio confirmou a sua resolução.

Até que uma vez, tendo perdido ao jogo todo o dinheiro que tinha, resolveu, nesse mesmo dia, pôr em execução o seu projecto. Um amigo seu e da família, chamado Lavaisse, um rapaz novo de dezanove anos, conhecido pela candura e pelas maneiras afáveis, filho de um célebre advogado de Toulouse, chegara de Bordéus, na véspera<sup>1</sup>; por puro acaso, ceou nesse dia em casa dos Calas. O pai, a mãe, o filho mais velho Marc-Antoine, o segundo filho Pierre, comeram todos juntos. Depois da ceia, foram para um pequeno salão. Marc-Antoine desapareceu; por fim, quando o jovem Lavaisse se quis ir embora, ele e Pierre, ao descerem, encontraram em baixo, perto da loja, Marc-Antoine em camisa, enforcado numa porta, e o seu fato dobrado em cima do balcão; a camisa não estava sequer enrugada ou rasgada; tinha os cabelos bem penteados: não havia no corpo sinal de ferida ou de pisadura<sup>2</sup>.

1 12 de Outubro de 1761. (V)

2 Após o transporte do cadáver para a câmara municipal, só lhe encontraram um pequeno arranhão na ponta do nariz e uma pequena mancha no peito, causada por um descuido qualquer no transporte do corpo. (V)

Passamos aqui sobre todos os pormenores, que os advogados relataram: não descreveremos a dor e o desespero do pai e da mãe; os gritos que deram foram ouvidos pelos vizinhos. Lavoisier e Pierre Calas, fora de si, foram a correr à procura de médicos e da justiça.

Enquanto eles cumpriam esta obrigação, enquanto o pai e a mãe estavam mergulhados em soluços e em lágrimas, o povo de Toulouse atropelava-se à volta da casa. Este povo é supersticioso e arrebatado; olha como se fossem monstros os irmãos que não têm a mesma religião que ele. Foi em Toulouse que se agradeceu solenemente a Deus a morte de Henrique III, e que se fez a promessa de decapitar o primeiro que falasse em reconhecer o grande, o bom Henrique IV. Esta cidade comemora ainda solenemente, todos os anos<sup>3</sup>, com procissão e foguetes, o dia em que, há dois séculos, massacraram quatro mil cidadãos heréticos. Foi em vão que seis decretos do conselho proibiram essa odiosa festa, mas a cidade sempre a celebrou como se fossem jogos florais.

Um fanático qualquer da população gritou que Jean Calas tinha enforcado o seu próprio filho Marc-Antoine. Este grito, repetido, tornou-se, num instante, unânime; outros acrescentaram que o morto devia, no dia seguinte, abjurar; que a sua família e o jovem Lavoisier o haviam estrangulado por ódio à religião católica: um segundo depois, já ninguém duvidava de que assim fosse; toda a cidade ficou persuadida de que, entre os protestantes, é prática corrente da sua religião um pai e uma mãe assassinar um filho, logo que este queira converter-se.

Os espíritos, uma vez excitados, já não param. Imaginou-se que os protestantes do Languedoc se tinham reunido, na véspera; que tinham escolhido, por maioria de votos, um carrasco da seita; que a escolha tinha recaído sobre o jovem Lavoisier; que este rapaz, em vinte e quatro horas, recebera a notícia da sua eleição, e chegara de Bordéus para ajudar Jean Calas, a mulher, e o filho Pierre, a estrangular um amigo, um filho, um irmão.

3 Na realidade, esta procissão realizava-se, não a 10 de Março, como julgava Voltaire, mas a 17 de Maio, em memória da vitória alcançada pelos católicos sobre os protestantes em Maio de 1562. (M)

O senhor David, magistrado de Toulouse, excitado por estes boatos, e querendo tirar benefício de uma rápida execução, levantou um auto que contrariava as regras e os regulamentos. A família Calas, a criada católica e Lavaisse foram postos a ferros.

Publicou-se uma monitória não menos viciosa do que os autos. Foi-se mais longe ainda: Marc-Antoine Calas tinha morrido calvinista, e se atentara contra a sua própria vida, devia ser vilipendiado; com a maior das pompas, inumaram-no na igreja de St. Etienne, passando por cima da vontade do prior, que protestou contra esta profanação<sup>4</sup>.

No Languedoc há quatro confrarias de penitentes: a branca, a azul, a cinzenta e a negra. Os confrades usam um longo capucho, com uma máscara de tecido, onde se abrem dois buracos para permitir a visão: tentaram que o senhor duque de Fitz-James, comandante da província, entrasse numa das confrarias, mas em vão, porque se recusou a isso. Os confrades brancos organizaram para Marc-Antoine Calas um serviço religioso solene, como se tratasse de um mártir. Nunca nenhuma igreja celebrou com tão grande pompa a festa de um mártir verdadeiro; mas esta pompa foi terrível. Tinha-se colocado, por cima de um magnífico catafalco, um esqueleto que se mexia, e que representava Marc-Antoine, tendo numa mão a palma, e na outra a pena com que devia assinar a abjuração da heresia, quando, de facto, o que escrevia era a sentença de morte de seu pai.

Neste contexto, ao infeliz que atentara contra si próprio só faltava ser canonizado: o povo inteiro olhava para ele como um santo; alguns invocavam-no, outros iam rezar junto do seu túmulo, outros pediam-lhe milagres, outros contavam os que já tinha realizado. Um frade arrancou-lhe alguns dentes para conservar relíquias duradoiras. Uma devota, um pouco surda, afirmou que ouvira o toque dos sinos. Um padre apoplético ficou curado depois de ter ingerido um vomitório. Foram feitos relatórios destes prodígios. O sujeito que fez esse relatório tem em seu poder o atestado de um

4 O prior de Saint-Étienne não protestou de modo algum, antes pelo contrário, pois disputou até o direito de inumação ao prior do Taur, em cujo território estava situada a câmara municipal. (M)

rapaz de Toulouse que ficou maluco por ter rezado várias noites sobre o túmulo do novo santo, e por não ter obtido o milagre que implorava.

Alguns magistrados pertenciam à confraria dos penitentes brancos. A partir desse momento, a morte de Jean Calas pareceu infalível.

O que de sobremaneira preparou o seu suplício foi o aproximar-se dessa festa singular que a cidade celebra todos os anos, em memória de um massacre de quatro mil huguenotes; o ano de 1762 era o ano secular<sup>5</sup>. Instalava-se na cidade o dispositivo dessa solenidade: isso ainda incendiava mais a imaginação exaltada do povo; dizia-se publicamente que o cadafalso sobre o qual iam ser desmembrados os Calas seria o maior ornamento das festividades; dizia-se que o próprio Deus providenciara aquelas vítimas para serem sacrificadas à nossa santa religião. Vinte pessoas ouviram esses e outros discursos ainda mais violentos. E isto passa-se no nosso tempo! E num tempo em que a filosofia fez tantos progressos! E quando cem academias escrevem para inspirar a doçura dos costumes! Até parece que o fanatismo, indignado com os progressos recentes da razão, se debate com uma raiva redobrada.

Trezes juízes reuniram-se todos os dias para terminar o processo. Não havia provas, nem se podia ter a mais pequena prova contra a família; mas a religião enganada fazia as vezes de prova. Seis juízes persistiram durante muito tempo em condenar Jean Calas, o seu filho e Lavoisier ao suplício da roda, e a mulher de Jean Calas à fogueira. Outros sete, mais moderados, queriam que pelo menos se examinassem as provas. Os debates foram várias vezes recomeçados e longos. Um dos juízes<sup>6</sup>, convencido da inocência dos acusados e da impossibilidade do crime, falou convictamente a favor deles: opôs o zelo da humanidade ao zelo da severidade; tornou-se o advogado público dos Calas em todas as casas de Toulouse, nas quais os clamores permanentes da religião enganada exigiam o sangue daqueles infelizes. Um outro juiz, conhecido pela sua violência<sup>7</sup>, falava pela cidade com tanta exaltação contra os

<sup>5</sup> Ver a nota 3. (M)

<sup>6</sup> Lassale. (M)

<sup>7</sup> Laborde. (M)